

# Recortes de Imprensa

## Maio 2017



Apoio:



Uma percentagem elevada das mulheres assassinadas já tinham apresentado queixa

#### P&R

#### ► Onde se podem refugiar as vítimas de violência doméstica?

O Estado tem de apoiar as casas de abrigo de mulheres vítimas de violência doméstica, assegurando o anonimato das mesmas. As casas de abrigo são unidades residenciais destinadas a acolhimento, durante o tempo que for necessário, a vítimas, acompanhadas ou não de filhos menores. Há duas modalidades de acolhimento: em situação de urgência, ou acolhimento provisório e/ou prolongado na intervenção na crise.

#### ► O que são as salas de apoio à vítima?

As chamadas salas de apoio e de atendimento às vítimas, existentes em esquadras da polícia, pretendem ser espaços mais modernos e confortáveis para que o atendimento se faça em condições de maior privacidade. Estão direcionadas prioritariamente para vítimas de violência familiar, de crimes violentos e deficientes.

JOÃO MIGUEL GONÇALVES/AGÊNCIA LUSA

# Parlamento quer salas para vítimas de maus-tratos em todos os postos policiais

**Violência doméstica.** Resolução da Assembleia da República propõe ao governo pensar mais na proteção de vítimas de agressores que é da responsabilidade das forças de segurança. E exige mais formação dos agentes que recebem as queixas

FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

O Parlamento quer que as vítimas de violência doméstica tenham salas de atendimento em todos os postos da GNR e esquadras da PSP do país. Em causa está uma Resolução da Assembleia da República – que junta, num só documento, propostas do PS, CDS-PP, Bloco de Esquerda, PAN e PEV – que recomenda ao governo que “reforce as medidas para a prevenção da violência doméstica e proteção e assistência às suas vítimas”. Assim, os deputados sugerem ao governo que faça uma “inventariação” das salas de atendimento à vítima existentes nos postos das duas forças policiais e, caso falem, “garanta a cobertura total do território nacional”.

O documento pede ainda que seja dada uma especial atenção aos casos em que os agressores domésticos sejam elementos das forças policiais. Esta parte concreta da proposta, da autoria do PAN e

aprovada por unanimidade pelos restantes partidos incluídos na resolução, defende que “a inexistência de mecanismos de resposta aos casos de violência doméstica em que os agressores são elementos integrantes dos órgãos de polícia criminal, exponencia as dificuldades das vítimas na procura de ajuda”. O deputado do PAN André Silva assume ao DN que a solução poderá passar por “as hierarquias destas estruturas policiais estarem preparadas para afastar estes agressores, em primeira linha, das salas de atendimento à vítima”.

O Relatório de Segurança Interna não autonomiza os dados em que os agressores são policiais, apenas os dados gerais (*ver caixa ao lado*) mas o DN contactou a Associação de Apoio à Vítima (APAV) que garantiu ter conhecimento de vários casos. “A violência doméstica é transversal à sociedade e não é de todo uma novidade para a APAV casos em que os agressores ou mesmo agressoras são elementos

#### DADOS

#### Mais de 27 mil ocorrências em 2016

► A violência doméstica aumentou quase 2% em 2016 face ao ano anterior, com 27 291 ocorrências registadas pelas forças de segurança, que envolvem mais de 32 mil vítimas. Os dados são do Relatório Anual de Segurança Interna, divulgado em abril, que indica que as ocorrências de violência doméstica, registadas em 2016, representaram um aumento de 1,87% face aos 26 783 casos em 2015. No que se refere à caracterização das vítimas, o relatório divulga que 79,9% foram mulheres (25 985 vítimas) e 20,1% foram homens (6522). No total, foram assassinadas 22 mulheres.

das forças policiais”, explica Daniel Cotrim. “E no caso destas vítimas, há uma particularidade: passam rapidamente da situação de risco para a situação de perigo.” O técnico da APAV revela inclusive que “há muitas situações em que nem chega a formalizar a queixa-crime porque o elemento que recebe a vítima, quando se apercebe que o agressor é um colega, tenta resolver a situação “internamente...”.

O texto da resolução admite ainda que “o tratamento de casos em que determinados agentes dos órgãos de polícia criminal assumam simultaneamente a posição de agressor e elemento de atendimento às vítimas de polícia criminal, é uma situação insustentável que potenciará naturais repercussões nefastas no respetivo atendimento e encaminhamento, as quais obstarão a um cabal e adequado tratamento das vítimas em apreço”.

Fazer avaliação às forças de segurança da formação que lhes foi dada neste contexto e reforçar a

formação desses agentes de segurança são outras das preocupações dos vários deputados. “Assim como a avaliação externa e independente” da formação que foi feita aos agentes de segurança.

#### Mulheres mortas sinalizadas

Em março deste ano foi divulgado um estudo – “Homicídio, femicídio e *stalking* no contexto das relações de intimidade” – que revela que um terço das 43 mulheres assassinadas pelos maridos nos últimos cinco anos, na Grande Lisboa – ou seja, 13 – já tinha apresentado queixa às autoridades. Mais de metade das vítimas estava em processo de separação (51,2%), por iniciativa delas, e a grande maioria das mortes (68,4%) aconteceu no prazo de dois meses após a separação. O trabalho foi desenvolvido pela PJ, em parceria com investigadores da Universidade do Minho e do Instituto Superior Egas Moniz e ainda pelo Ministério Público.

# Só 13% dos agressores domésticos impedidos de contactar com vítimas

**Justiça.** Estudo feito pelo Centro de Estudos Sociais de Coimbra revela que prisão preventiva é vista com maior cautela por parte dos magistrados e que 70% dos casos que são investigados pelo Ministério Público acabam arquivados



Desde 1995 que a pena de prisão prevista no Código Penal para o crime de maus-tratos conjugais é de um a cinco anos. E desde 2000 que não precisa de queixa para ser investigado

## TESTEMUNHOS

**“Dá-me a sensação de que os casos mais graves continuam sem chegar a julgamento. Os casos que temos julgado e a que eu tenho tido acesso, em termos de gravidade física e psicológica, não são aquilo que estamos à espera”**

**“Eu acho que a verdadeira violência continua escondida. Porque dos casos que nos chegam, há muito poucos em que haja aquela humilhação”**

TESTEMUNHOS DE MAGISTRADOS JUDICIAIS DIVULGADOS NO RELATÓRIO DA CIG

## FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

Apenas 12,8% dos agressores domésticos são impedidos de contactar com as vítimas. Dados de um estudo promovido pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), feito pelo Centro de Estudos Sociais (CES), cujos casos analisados reportam aos anos 2001 a 2012, mostram que a medida de coação menos grave – termo de identidade e residência – é mesmo a mais “popular”, escolhida em exclusivo pelos magistrados em 80% dos casos investigados pelo Ministério Público (MP).

O mesmo estudo da CIG revela ainda que 70% dos inquéritos de violência doméstica são arquivados. A decisão de aplicar em poucos casos a medida de “proibição de contacto ou de afastamento da residência da vítima” a um crime com as características da violência conjugal nem sempre é bem acolhida,

quer pelas organizações que apoiam as vítimas, no terreno, quer pelos magistrados do Ministério Público. A medida de coação é aplicada sempre por um juiz de instrução. O estudo do CES, divulgado agora, junta alguns testemunhos dos próprios magistrados que optaram por não escolher essa medida preventiva.

“Já tive discussões terríveis com magistrados do MP e não vejo ninguém preocupado com o arguido, zero. E o que é que eu faço?”, questiona um desses juizes. “Tenho um casal em que ela é vítima de violência, sim senhora, e espeto com o arguido fora de casa e agora crio duas vítimas. Porquê? Porque o sistema não funciona. Porque não há ninguém que depois vá dar uma solução a aquele homem.” Ou ainda outro caso em que o juiz dizia que a casa para onde o arguido iria seria a da mãe, logo ao lado da da vítima, e que isso não teria eficácia: “Diz-me o homem que vai morar para

casa da mãe que é logo ali ao lado e não tem outro sítio para ir. A resposta da Direção-Geral dos Serviços Prisionais é que com essa aproximação a monitorização é impossível.”

## 13123

### > Queixas em 2016

Ao todo, a PSP e a GNR registaram mais de 13 mil queixas de violência doméstica no 1º semestre de 2016.

## 1252

### > Medidas aplicadas

De 2012 a 2015 foram aplicadas 1252 medidas de proibição de contacto com a vítima de maus-tratos.

A fiscalização da proibição de contacto com a vítima pode ser realizada através da pulseira eletrónica feita pelos referidos serviços prisionais.

Já a medida de coação mais grave existente na nossa lei – a prisão preventiva – foi aplicada apenas em 7% dos casos. Medida também encarada pelos juizes com cautela, ao contrário dos magistrados do MP. “A liberdade é num Estado de direito o valor máximo de um cidadão. E esta é uma ideia recorrente por parte dos juizes”, diz o estudo. “Há quem denuncie que existe um sentimento de pudor ao recorrer a esta medida.”

“Nós devíamos perder o pudor em avançar para a preventiva porque todos dizemos que este crime é extremamente grave. Porque é que a violência doméstica não é digna de uma prisão preventiva? Este é quase um raciocínio interiorizado, inconsciente”, diz uma magistrada do Ministério Público. Já um juiz

considera: “Este crime não é um crime muito grave, porque se o fosse o legislador não tinha punido com pena de prisão até cinco anos, certo? Além disso, a prisão preventiva tem de ser a última medida de coação que um juiz deverá aplicar.”

### Dados de 2016

Segundo dados revelados pelo Ministério da Justiça já neste ano, entre janeiro e setembro de 2016, foram aplicadas pelos tribunais 423 medidas de proibição de contacto entre agressor e vítima, fiscalizadas por vigilância eletrónica. Com um aumento significativo (152 em 2012, 229 em 2013, 313 em 2014, 558 em 2015). Há ainda 1025 pessoas abrangidas pelo programa de teleassistência, um serviço de resposta rápida em situações de perigo, 24 horas por dia. Segundo a Direção-Geral de Política de Justiça, em 2013 foram condenados 60% dos arguidos que foram a julgamento pelo mesmo crime.



## APAV de Santarém promove quinta edição das Jornadas Contra a Violência

O Gabinete da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) de Santarém promove, no dia 5 de Maio, a quinta edição das Jornadas Contra a Violência, na Escola Superior de Saúde de Santarém. Depois de quatro edições bem-sucedidas, esta edição das Jornadas contra a Violência volta a reunir vários especialistas e é dedicada ao debate de três temáticas centrais: violência de e contra crianças e jovens, cibercrime e violência e crime contra pessoas idosas.

A sessão de abertura está marcada para as 9h30 com as intervenções do presidente da APAV, João Lázaro, do presidente da Câmara de Santarém, Ricardo Gonçalves, e da directora da Escola Superior de Saúde de Santarém, Isabel Barroso da Silva. Segue-se, pelas 10h00, o primeiro painel intitulado “Violência de e contra crianças e jovens” com as intervenções da psicóloga clínica, terapeuta familiar, investigadora e formadora, Neusa Patuleia, da técnica superior de educação social, Cátia Vaz, e da psicóloga e investigadora do CINEICC (Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental), Diana Silva.

Depois de almoço, o programa continua,

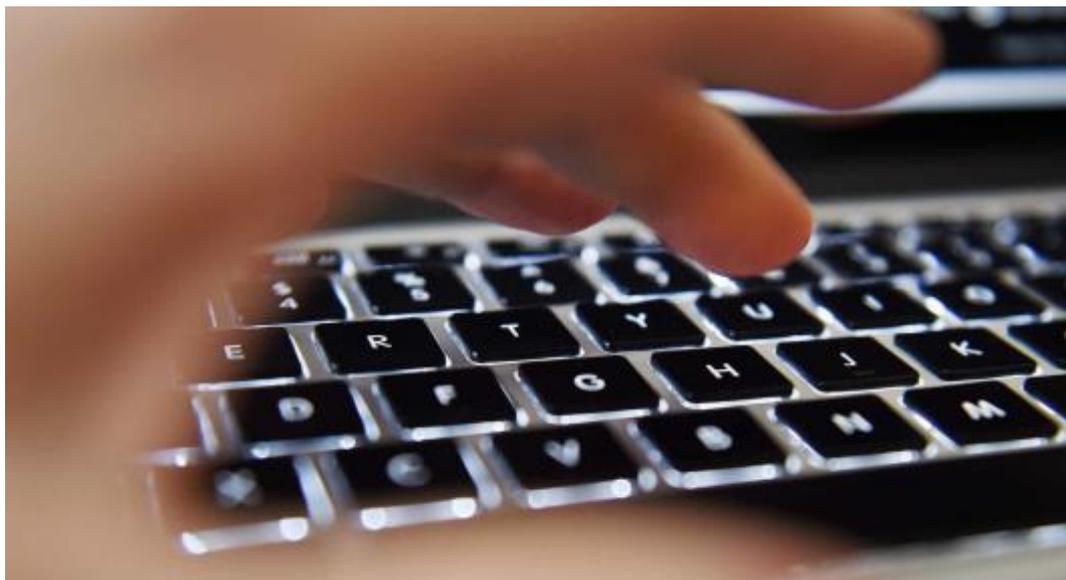
pelas 14h00, com o segundo painel com o tema “Cibercrime” levado a cabo pelo magistrado e coordenador do Gabinete de Cibercrime da Procuradoria-Geral da República, Pedro Verdelho, pelo assessor técnico da direcção da APAV, Frederico Moyano Marques, e por Pedro Marques, do Centro de Internet Segura - Fundação para a Ciência e Tecnologia.

O terceiro e último painel sobre “Violência e crime contra pessoas idosas” inicia-se pelas 16h10 e conta com as intervenções da professora, médica e directora do Departamento de Medicina Legal e Ciências Forenses da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Teresa Magalhães, da jurista da Federação das Instituições de Terceira Idade, Michelle Lopes e da guarda principal da GNR (Guarda Nacional Republicana) e investigadora do NIAVE (Núcleo de Investigação e de Apoio a Vítimas Específicas do Comando Territorial de Santarém), Catarina Martins.

As inscrições são gratuitas para estudantes da Escola Superior de Saúde de Santarém e podem ser efectuadas previamente em no site [apav.pt/jornadassantarem](http://apav.pt/jornadassantarem)

## APAV debatem respostas para vítimas de crimes através da internet

O cibercrime dominou hoje as V Jornadas Contra a Violência, realizadas em Santarém pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que divulgou hoje mecanismos de apoio às vítimas de crimes através da internet.



"No futuro toda a criminalidade estará na internet" afirmou Pedro Verdelho, magistrado e coordenador do Gabinete de Cibercrime da Procuradoria-Geral da República na abertura de um painel, alertando para os riscos da "manipulação da informação" publicada online.

FJB

O tema da intervenção do magistrado nas V Jornadas contra a Violência era o enquadramento legal do cibercrime, mas Pedro Verdelho centrou-se em exemplos de ataques informáticos em vários pontos do mundo para demonstrar a "fragilidade" dos sistemas e a dificuldade de as vítimas se protegerem da nova criminalidade.

Uma realidade que está também "a mudar o paradigma da investigação e das respostas no apoio à vítima", disse à Lusa Frederico Moyano Marques, assessor técnico da direção da APAV.

A par com o cibercrime, a violência contra crianças e jovens e a violência contra idosos dominaram as preocupações da APAV que "nos últimos anos tem vindo a fazer um esforço de se capacitar para prestar apoio a todo o tipo de vítimas".

Nesse sentido foram criadas "sub-redes especializadas em prestar apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio, a crianças vítimas de violência sexual" entre outras medidas para "diversificar a área de intervenção", explicou.

No caso do cibercrime, "a vergonha" impede ainda muitas vezes a vítima de pedir ajuda, mas à APAV chegaram sobretudo queixas de situações em que "o agressor divulga imagens íntimas da vítima na internet, de pornografia e abuso sexual de crianças e de 'cyberbullying'".

## Jornadas da APAV debatem respostas para vítimas de crimes através da internet

© 2017-05-05  REDATOR com Lusa  Sem categoria  0



Santarém, 05 mar (Lusa) — O cibercrime dominou hoje as V Jornadas Contra a Violência, realizadas em Santarém pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que divulgou hoje mecanismos de apoio às vítimas de crimes através da internet.

“No futuro toda a criminalidade estará na internet” afirmou Pedro Verdelho, magistrado e coordenador do Gabinete de Cibercrime da Procuradoria-Geral da República na abertura de um painel, alertando para os riscos da “manipulação da informação” publicada online.

O tema da intervenção do magistrado nas V Jornadas contra a Violência era o enquadramento legal do cibercrime, mas Pedro Verdelho centrou-se em exemplos de ataques informáticos em vários pontos do mundo para demonstrar a “fragilidade” dos sistemas e a dificuldade de as vítimas se protegerem da nova criminalidade.

Uma realidade que está também “a mudar o paradigma da investigação e das respostas no apoio à vítima”, disse à Lusa Frederico Moyano Marques, assessor técnico da direção da APAV.

A par com o cibercrime, a violência contra crianças e jovens e a violência contra idosos dominaram as preocupações da APAV que “nos últimos anos tem vindo a fazer um esforço de se capacitar para prestar apoio a todo o tipo de vítimas”.

Nesse sentido foram criadas “sub-redes especializadas em prestar apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio, a crianças vítimas de violência sexual” entre outras medidas para “diversificar a área de intervenção”, explicou.

No caso do cibercrime, “a vergonha” impede ainda muitas vezes a vítima de pedir ajuda, mas à APAV chegaram sobretudo queixas de situações em que “o agressor divulga imagens íntimas da vítima na internet, de pornografia e abuso sexual de crianças e de ‘cyberbullying’”.



## Jornadas da APAV debatem respostas para vítimas de crimes através da internet

O cibercrime dominou as V Jornadas Contra a Violência, realizadas na passada semana em Santarém pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que divulgou mecanismos de apoio às vítimas de crimes através da internet. “No futuro toda a criminalidade estará na internet” afirmou Pedro Verdelho, magistrado e coordenador do Gabinete de Cibercrime da Procuradoria-Geral da República na abertura de um painel, alertando para os riscos da “manipulação da informação” publicada online.

O tema da intervenção do magistrado nas V Jornadas contra a Violência era o enquadramento legal do cibercrime, mas Pedro Verdelho centrou-se em exemplos de ataques informáticos em vários pontos do mundo para demonstrar a “fragilidade” dos sistemas e a dificuldade de as vítimas se protegerem da nova criminalidade.

Uma realidade que está também “a mudar o paradigma da investigação e das respostas no apoio à vítima”, disse à Lusa Frederico Moyano Marques, assessor técnico da direção da APAV.

A par com o cibercrime, a violência contra crianças e jovens e a violência contra idosos dominaram as preocupações da APAV que “nos últimos anos tem vindo a fazer um esforço de se capacitar para prestar apoio a todo o tipo de vítimas”. Nesse sentido foram criadas “sub-redes especializadas em prestar apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio, a crianças vítimas de violência sexual” entre outras medidas para “diversificar a área de intervenção”, explicou.

No caso do cibercrime, “a vergonha” impede ainda muitas vezes a vítima de pedir ajuda, mas à APAV chegaram sobretudo queixas de situações em que “o agressor divulga imagens íntimas da vítima na internet, de pornografia e abuso sexual de crianças e de ‘cyberbullying’”.



## ▲ Distrito

# APAV chega ao Alto Alentejo

A APAV, na sua missão de apoiar vítimas de crime, seus familiares e amigos/as, tem, ao longo de quase 27 anos, construído e ampliado as suas redes de serviços de proximidade por todo o país para estar mais perto e melhor servir as/os cidadãos vítimas de crime.

A APAV inaugura a sede do seu novo Gabinete de Apoio à Vítima em Ponte de Sor, hoje, 10 de Maio, pelas 15h, no Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor (Av. da Liberdade, 64F), onde marcará presença o presidente da Câmara de Ponte de Sor, Hugo Hilário.

O Gabinete de Apoio à Vítima do Alentejo Oeste conta com o apoio da Câmara Municipal de Ponte de Sor e tem como missão a itinerância pelos municípios de Alter do Chão, Avis, Crato, Gavião, Fronteira, Nisa, Ponte de Sor e Sousel, prestando apoio a quem é vítima numa região marcada pela dispersão populacional. A prevenção do crime e da violência no território oeste do Alto Alentejo é, igualmente, uma aposta deste novo serviço inovador pela sua mobilidade, e flexibilidade face ao território e população que serve em proximidade.

Esta inovadora resposta surge na operacionalização do Protocolo de Colaboração, celebrado a 14 de Março de 2017 com a Secretária de Estado para a Cidadania



e a Igualdade, Catarina Marcelino, com oito municípios membros da Comunidade Intermunicipal do Alto Alentejo, Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), os serviços desconcentrados da administração direta do Estado na área da Segurança Social, Educação, Saúde e Formação Profissional,

serviços do Ministério da Justiça na área da Medicina Legal, da Reinserção e dos Serviços Prisionais, Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, GNR, PSP, Bombeiros e o Instituto Politécnico de Portalegre.

Deste modo, a APAV passa a estar diretamente presente em 23 concelhos através da sua rede nacional de 16 Gabinetes de Apoio à Vítima, alicerçada nas três sub-redes de apoio especializado a crianças e jovens vítimas de violência sexual (CARE), familiares e amigos de vítimas de homicídio (RAFAVH) e vítimas migrantes e de discriminação (UAVM+D), bem como na rede de Casas de Abrigo e à Linha de Apoio à Vítima - 116 006 - número europeu gratuito de apoio a vítimas.

A APAV «acredita e trabalha para que quem é vítima de crime em Portugal tenha veja os seus direitos reconhecidos, garantido o seu exercício não somente em letra de lei, considerando-se para isso essenciais a informação e os serviços qualificados e independentes de apoio à vítima». •



## ▲ Ponte de Sor

# Gabinete de Apoio à Vítima instala-se em Ponte de Sor



> Foi instalado em Ponte de Sor um gabinete de apoio à vítima dinamizado pela APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que vai servir todo o Alto Alentejo Oeste, num total de oito concelhos. A cerimónia de assinatura do protocolo de cedência de instalações por parte do Município à APAV decorreu no Auditório do Centro de Artes e Cultura, e o documento foi assinado pelo presidente do Município, Hugo Hilário, e pelo presidente da APAV, João Lázaro, que a seguir inauguraram as instalações situadas na rua de Stº António, no 1º andar do Centro de Convívio de Reformados e Pensionistas de Ponte de Sor.

O Gabinete de Apoio à Vítima do Alentejo Oeste tem como missão a itinerância pelos municípios de Alter, Avis, Crato, Gavião, Fronteira, Nisa, Ponte de Sor e Sousel, prestando apoio a quem é vítima numa região marcada pela dispersão populacional. A prevenção do crime e da violência no território oeste do Alto Alentejo é, igualmente, uma aposta deste novo serviço inovador pela sua mobilidade, e flexibilidade face ao território e população que serve em proximidade.

Esta inovadora resposta surge na operacionalização do Protocolo de Colaboração, celebrado a 14 de Março de 2017 com a Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade,

Catarina Marcelino, com oito municípios membros da Comunidade Intermunicipal do Alto Alentejo, Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), os serviços desconcentrados da administração direta do Estado na área da Segurança Social, Educação, Saúde e Formação Profissional, serviços do Ministério da Justiça na área da Medicina

Legal, da Reinserção e dos Serviços Prisionais, Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, GNR, PSP, Bombeiros e o Instituto Politécnico de Portalegre.

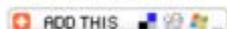
Em nome dos autarcas da região, Hugo Hilário agradece à Secretária de

Estado, que «nos permitiu ter esta resposta no distrito, e por ter sediado em Ponte de Sor este Gabinete que serve oito concelhos da região», frisando que «é mais uma resposta na nossa comunidade para prestar auxílio aqueles que dela precisam, porque se a violência muito nos preocupa, a violência doméstica é uma problemática que deve ser encarada com muito rigor e empenho. Hoje temos mais esta resposta disponível, para o nosso concelho e para toda a zona oeste do Alto Alentejo, mas julgo que mais importante, é que no seu dia a dia, esta nova valência possa ter toda a capacidade e competência a que se propõe, ou seja, apoiar todas as vítimas de violência doméstica que desta casa precisam», afirma o autarca. •



## **Ponte Sor: APAV alarga serviços de apoio à vítima ao Alto Alentejo Oeste**

Publicado em 12-05-2017



O município de Ponte de Sor já dispõe de um gabinete de Apoio à Vítima (APAV), que vai servir todo o Alto Alentejo Oeste, num total de oito concelhos.

Em declarações à Rádio Portalegre, o presidente do município de Ponte de Sor, Hugo Hilário, mostrou-se muito satisfeito pela inauguração da sede da APAV, sublinhando que irá responder às necessidades da região.

O Gabinete de Apoio à Vítima do Alto Alentejo Oeste conta com o apoio da Câmara Municipal de Ponte de Sor, que cedeu as instalações, e vai abranger os municípios de Ponte de Sor, Alter do Chão, Avis, Crato, Gavião, Fronteira, Nisa e Sousel.



As instalações da APAV ficam situadas na rua de Stº António, no 1º andar do Centro de Convívio de Reformados e Pensionistas de Ponte de Sor.

Deste modo, a APAV passa a estar diretamente presente em 23 concelhos através da sua rede nacional de 16 Gabinetes de Apoio à Vítima, alicerçada nas três sub-redes de apoio especializado a crianças e jovens vítimas de violência sexual (CARE), familiares e amigos de vítimas de homicídio (RAFAVH) e vítimas migrantes e de discriminação(UAVM+D), bem como na rede de Casas de Abrigo e à Linha de Apoio à Vítima – 116 006 – número europeu gratuito de apoio a vítimas.

(Susana Mourato)



## APAV com gabinete de apoio à vítima em Ponte de Sor

*Gabinete da APAV dará resposta aos municípios de Alter do Chão, Avis, Crato, Gavião, Fronteira, Nisa, Ponte de Sor e Sousel.*



A APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima inaugurou a sede do seu novo Gabinete de Apoio em Ponte de Sor, esta quarta-feira, 10 de maio, no Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor (Av. da Liberdade, 64F).

O Gabinete de Apoio à Vítima do Alentejo Oeste tem como missão a itinerância pelos municípios de Alter do Chão, Avis, Crato, Gavião, Fronteira, Nisa, Ponte de Sor e Sousel, prestando apoio a quem é vítima numa região marcada pela dispersão populacional.

A prevenção do crime e da violência no território oeste do Alto Alentejo é, igualmente, uma aposta deste novo serviço inovador pela sua mobilidade, e flexibilidade face ao território e população que serve em proximidade.





10 Maio, 2017

## Ponte de Sor Com Gabinete de Apoio à Vítima

Ponte de Sor tem desde hoje um gabinete de apoio à vítima dinamizado pela APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que vai servir todo o Alto Alentejo Oeste, num total de oito concelhos. A cerimónia de assinatura do protocolo de cedência de instalações por parte do Município à APAV decorreu no Auditório do Centro de Artes e Cultura.

O documento foi subscrito, esta tarde, pelos Presidentes das duas Instituições, Hugo Hilário e João Lázaro, que a seguir inauguraram as instalações situadas na rua de Stº António, no 1º andar do Centro de Convívio de Reformados e Pensionistas de Ponte de Sor.

CMPS

Ponte de Sor

## APAV inaugurou novo Gabinete de Apoio à Vítima no Alto Alentejo

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) inaugurou, no dia 10 de Maio, o novo Gabinete de Apoio à Vítima do Alto Alentejo Oeste.



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) inaugurou, no dia 10 de Maio, o novo Gabinete de Apoio à Vítima do Alto Alentejo Oeste. A cerimónia de inauguração teve lugar no Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor e contou com a presença do presidente da APAV, João Lázaro, e do presidente da Câmara Municipal de Ponte de Sor, Hugo Hilário.

O Gabinete de Apoio à Vítima do Alto Alentejo Oeste tem como missão a itinerância pelos municípios de Alter do Chão, Avis, Crato, Gavião, Fronteira, Nisa, Ponte de Sor e Sousel, prestando apoio a quem é vítima numa região marcada pela dispersão populacional.

A prevenção do crime e da violência no território oeste do Alto Alentejo é, igualmente, uma aposta deste novo serviço inovador pela sua mobilidade, e flexibilidade face ao território e população que serve em proximidade.

A APAV passa a estar directamente presente em 23 concelhos através da sua rede nacional de 16 Gabinetes de Apoio à Vítima, alicerçada nas três sub-redes de apoio especializado a crianças e jovens vítimas de violência sexual (CARE), familiares e amigos de vítimas de homicídio (RAFAVH) e vítimas migrantes e de discriminação (UAVM+D), bem como na rede de Casas de Abrigo e à Linha de Apoio à Vítima.

# Para ajudar e prevenir

*Gabinete de Apoio à Vítima do Alto Alentejo Oeste funciona em Ponte de Sor e serve oito concelhos do distrito*

JORGE TRAQUETE

ecosdosor.r@gmail.com

Foi inaugurado a 10 de maio o Gabinete de Apoio à Vítima do Alto Alentejo Oeste. Dinamizado pela APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, e a partir de Ponte de Sor, vai servir todo o Alto Alentejo Oeste, num total de oito concelhos: Ponte de Sor, Alter do Chão, Avis, Crato, Gavião, Fronteira, Nisa e Souzel. A cerimónia de assinatura do protocolo de cedência de instalações por parte do Município de Ponte de Sor à APAV decorreu no Auditório do Centro de Artes e Cultura. O documento foi subscrito, pelos presidentes das duas Instituições, Hugo Hilário e João Lázaro (na foto), que de seguida, inauguraram as instalações situadas na rua de Santo António, no 1.º andar do Centro de Convívio de Reformados e Pensionistas de Ponte de Sor. O Gabinete tem como missão a itinerância pelos oito municípios que abrange, prestando apoio a quem é vítima numa região marcada pela dispersão populacional. A prevenção do crime e da violência no território oeste do Alto Alentejo é, igualmente, uma aposta deste novo serviço inovador pela sua mobilidade, e flexibilidade face ao território e população que serve em proximidade.



**Hugo Hilário:**  
"Um território que todos os dias almeja poder crescer"

Em declarações ao **Ecos do Sor**, à margem da ocasião, o presidente do Município considera que esta é uma data importante para Ponte de Sor. "Este novo serviço surge na sequência das políticas sociais que temos conseguido implementar no nosso concelho, e que têm obtido reconhecimento nacional e internacional. Esta nova resposta serve os propósitos da evolução de um território que todos os dias almeja em poder crescer".

O Gabinete de Apoio à Vítima surge na operacionalização do Protocolo de Colaboração, celebrado a 14 de março com a Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Catarina Marcelino, com os municípios membros da CIMAA - Comunidade Intermunicipal do Alto Alentejo, CIG - Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, os serviços desconcentrados da administração direta do Estado na área da Segurança Social, Educação, Saúde e Formação Profissional, serviços do Ministério da Justiça na área da Medicina

Legal, da Reinserção e dos Serviços Prisionais, Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, GNR, PSP, Bombeiros e o Instituto Politécnico de Portalegre.

## **Violência doméstica: Uma problemática transversal a todo o território**

Em nome dos autarcas da região, Hugo Hilário agradece à Secretária de Estado, "que nos permitiu ter esta resposta no nosso distrito, e por ter sedeadado em Ponte de Sor este Gabinete que serve oito concelhos da região". "É mais uma resposta que, a partir de hoje, na nossa comunidade para prestar auxílio àqueles que dela precisam, porque se a violência muito nos preocupa, a violência doméstica é um caso que, além de todo o mediatismo que regista em todos os meios de comunicação social, é uma problemática que deve ser encarada com muito rigor e empenho. Hoje temos mais esta resposta disponível, para o nosso concelho e para toda a zona oeste do Alto Alentejo, mas julgo que mais importante, é que no seu dia a dia, esta nova valência possa ter toda a capacidade e competência a que se propõe, ou seja, apoiar todas as vítimas de violência doméstica que desta casa precisam", acrescenta o presidente do Município, que recorda: "a APAV lançou-nos o desafio da criação deste Gabinete em

Ponte de Sor há algum tempo. Na altura entendi que este tipo de resposta deveria ser avaliada através da CIMAA, uma vez que se trata de uma problemática transversal a todo o distrito de Portalegre, um dos poucos distritos do País, de resto, onde esta associação não tinha qualquer tipo de intervenção", termina Hugo Hilário.

## **Uma equipa especializada para ouvir e aconselhar**

A secretária-geral da APAV também falou ao **Ecos do Sor**. Cármen Rasquete considera que a abertura do gabinete agora inaugurado vem ajustar-se às características do território. "É um gabinete diferente dos outros da APAV, uma vez que vai dar resposta a oito concelhos, por forma a combater a dispersão neste território. A violência doméstica não existe apenas nesta região, está presente a nível nacional. O facto é que não existiam respostas suficientes nesta região para combater esta problemática". Em Ponte de Sor, o Gabinete funciona nos dias úteis entre as 13h00 e as 17h30. Nos restantes municípios, os locais e horários de atendimentos ainda estão a ser definidos, todavia, "é certo que a APAV estará a prestar os seus serviços em cada um deles, numa manhã ou tarde, uma vez por semana", conclui Cármen Rasquete.

## APAV inaugurou Gabinete de Apoio à Vítima de Paços de Ferreira



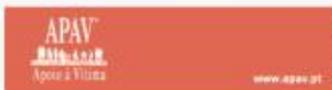
A APAV inaugurou o **Gabinete de Apoio à Vítima de Paços de Ferreira**, no dia 23 de maio, numa cerimónia que contou com a presença do presidente da APAV, João Lázaro, e do presidente da Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Humberto Brito.

O novo Gabinete de Apoio à Vítima conta com o apoio do Município de Paços de Ferreira e fica situado no edifício da Câmara Municipal, nos Paços do Concelho – Praça da República, 46 (Sala 0.08 B).



## APAV INAUGURA GABINETE EM PAÇOS DE FERREIRA

 Criado em 22-05-2017



"Na sua missão de apoiar vítimas de crime e os seus familiares e amigos, a APAV tem, ao longo de quase 27 anos, construído e ampliado as suas redes de serviços de proximidade por todo o país para estar mais perto e melhor servir os cidadãos vítimas de crime", revela a APAV em comunicado.

A APAV inaugura o novo Gabinete de Apoio à Vítima de Paços de Ferreira, amanhã, 23 de Maio, às 11h30. O novo Gabinete de Apoio à Vítima conta com o apoio do Município de Paços de Ferreira e fica situado no edifício da Câmara Municipal, nos Paços do Concelho - Praça da República, 46 (Sala 0.08 B). A cerimónia de inauguração vai contar com a presença do presidente da APAV, João Lázaro, e do presidente do Município, Humberto Brito. Deste modo, a APAV passa a estar diretamente presente em 24 concelhos através da sua rede nacional de 17 Gabinetes de Apoio à Vítima®, alicerçada nas três sub-redes de apoio especializado a crianças e jovens vítimas de violência sexual (CARE), familiares e amigos de vítimas de homicídio (RAFAVH) e vítimas migrantes e de discriminação (UAVM+D), bem como na rede de Casas de Abrigo e à Linha de Apoio à Vítima – 116 006 – número europeu gratuito de apoio a vítimas.

## Câmara de Paços de Ferreira criou Gabinete de Apoio às Vítimas de Crimes

*Protocolo com a APAV vai permitir ajudar vítimas, familiares e amigos*

Por **Verdadeiro Olhar** - Mai 23, 2017  0



Já está disponível o Gabinete de Apoio às Vítimas de Crimes criado pela Câmara de Paços de Ferreira.

Segundo a autarquia, a ajuda vai ser prestada pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que também vai auxiliar os familiares e amigos das vítimas.

O protocolo entre a autarquia e a APAV foi assinado esta terça-feira. O presidente da Câmara Municipal, Humberto Brito, a vereadora da Acção Social, Filomena Silva, e o presidente da APAV, João Lázaro, inauguraram de seguida o espaço onde vai funcionar o gabinete.



## APAV INAUGUROU NOVO GABINETE DE APOIO À VÍTIMA

Mais Guimarães, 24 Maio, 2017, Em Guimarães, 0



Em comunicado a APAV divulga a inauguração do novo espaço. "Na sua missão de apoiar vítimas de crime, seus familiares e amigos/as, a APAV tem, ao longo de quase 27 anos, construído e ampliado as suas redes de serviços de proximidade por todo o país para estar mais perto e melhor servir os cidadãos vítimas de crime.

A APAV inaugurou o Gabinete de Apoio à Vítima de Paços de Ferreira no dia 23 de Maio, numa cerimónia que contou com a presença do presidente da APAV, João Lázaro, e do presidente da Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Humberto Brito. O novo Gabinete de Apoio à Vítima conta com o apoio do Município de Paços de Ferreira e fica situado no edifício da Câmara Municipal, nos Paços do Concelho – Praça da República, 46 [Sala 0.08 B].

Deste modo, a APAV passa a estar diretamente presente em 24 concelhos através da sua rede nacional de 17 Gabinetes de Apoio à Vítima®, alicerçada nas três sub-redes de apoio especializado a crianças e jovens vítimas de violência sexual [CARE], familiares e amigos de vítimas de homicídio [RAFAVH] e vítimas migrantes e de discriminação [UAVM+D], bem como na rede de Casas de Abrigo e à Linha de Apoio à Vítima – 116 006 – número europeu gratuito de apoio a vítimas.

A APAV acredita e trabalha para que quem é vítima de crime em Portugal tenha veja os seus direitos reconhecidos, garantido o seu exercício não somente em letra de lei, considerando-se para isso essenciais a informação e os serviços qualificados e independentes de apoio à vítima."



## MUNICÍPIO DE PAÇOS DE FERREIRA CRIA GABINETE DE APOIO ÀS VÍTIMAS DE CRIMES

A Câmara Municipal de Paços de Ferreira criou o Gabinete de Apoio às Vítimas de Crimes, que está disponível a partir de hoje (23 de maio) no edifício camarário. A ajuda vai ser prestada pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que também vai auxiliar os familiares e amigos das vítimas.

Hoje de manhã foi assinado um protocolo de colaboração entre autarquia de Paços de Ferreira e a APAV, com o objetivo comum de apoiar as vítimas de crimes e os familiares. O novo espaço foi inaugurado de seguida pelo presidente da Câmara Municipal, Humberto Brito, pela Vereadora da Ação Social, Filomena Silva, e pelo presidente da APAV, João Lázaro.





COORDENAÇÃO SÍLVIA BRANCO | EMAIL silvibranco@apav.pt

# Phishing - ataque "hacker" mais comum da internet

Nota de Abertura

## APAV Açores 10 Anos a Dar Voz ao Silêncio

Hoje celebra-se o Dia Mundial da Internet. A data visa uma reflexão sobre as vantagens, bem como os desafios das novas tecnologias e o seu impacto na vida dos cidadãos.

É do conhecimento de todos nós que a Internet tem a grande vantagem de facilitar o acesso ao conhecimento, conveniência na obtenção de serviços, pesquisas, eliminação de fronteiras, entre outros. Pela natureza gratuita da maioria dos conteúdos, a internet proporciona uma inclusão social e digital sem precedentes. Esta inclusão permite, ainda, estreitar o contacto entre as pessoas. Todavia, as desvantagens e os perigos inerentes ao uso da Internet não podem ser descurados nem desvalorizados sob o lema de que "acontece aos outros e não a mim". Uma das inúmeras desvantagens do uso da Internet é ser vítima de Phishing, devido à insegurança gerada pela perda de estabilidade financeira. O fenómeno assume particular relevância no impacto emocional na vítima que pelo seu carácter recente ainda é pouco valorizado e compreendido pela população em geral e existem poucas entidades preparadas para lidar com os seus efeitos. \*

A insegurança gerada pela perda de estabilidade financeira assume particular relevância no impacto emocional do Phishing na vítima

O Phishing ocorre quando uma entidade desconhecida, conhecido por "hacker", se faz passar por uma instituição ou empresa e através de mensagens de correio eletrónico, de chamadas telefónicas ou de mensagens de telemóvel (SMS), tenta persuadir o cliente bancário a facultar os seus dados pessoais, obtendo deste modo as palavras-passe, números de contas bancárias e outras informações confidenciais, conseguindo deste modo aceder a conta do cliente.

Uma forma comum de phishing na internet é o aparecimento de uma janela, aquando do acesso ao site de uma instituição de crédito, pedindo a inscrição de dados que poderão ser utilizados para o acesso ao seu serviço de home-banking, nomeadamente o código de acesso ao cartão matriz.

Também as mensagens de correio eletrónico associadas ao phishing pretendem induzir o cliente a clicar numa hiperligação que o dirige, na maioria das vezes, para uma página falsa na internet que poderá ser muito idêntica à do seu banco, onde lhe solicitam que preencha um conjunto de campos, muitas vezes alegando que é necessário regularizar os seus dados pessoais sob pena de a conta bancária ser bloqueada.



Assim, a utilização dos serviços bancários através da página de internet para a realização de pagamentos, transferências, entre outros procedimentos bancários possíveis online acarreta riscos, se não adotar medidas de segurança. O phishing pode corresponder a vários tipos de crime:

- O crime de falsificação de documentos;
- O crime de falsidade informática;
- O crime de burla informática;

No caso dos dois últimos crimes, o início do procedimento criminal depende de apresentação de queixa por parte da vítima.

### Quem é a vítima?

Qualquer pessoa pode ser vítima destes crimes, visto que os e-mails enviados no âmbito de um esquema de spamming são dirigidos a milhões de pessoas de forma aleatória.

### Porque precisamos de apoio?

Ser vítima deste crime pode desencadear um conjunto de reações físicas e comportamentais tais como medo, ansiedade, raiva e desconfiança constante e prolongada.

As vítimas de Phishing encontram-se numa posição de particular fragilidade e desproteção, tendo em conta que o fenómeno

criminoso, pelo seu carácter recente, ainda é pouco valorizado e compreendido pela população em geral e existem poucas entidades preparadas para lidar com os seus efeitos.

O acesso a serviços de apoio à vítima pode revelar-se essencial para ultrapassar e/ou atenuar o impacto do crime.

### Não seja a próxima vítima

Existem cuidados que podem ser tidos para se evitar ser vítima de Phishing: manter sempre o computador com antivírus; ter em atenção que e-mails escritos em mau português ou que anunciem que venceu algum prémio; e-mails que solicitem a validação dos seus dados bancários; passar o rato sobre qualquer link antes de carregar no mesmo, verificando no canto inferior esquerdo do browser para que endereço será encaminhado/a e, caso o domínio do link seja externo ao domínio da entidade que supostamente envia o email, abster-se de clicar; verificar sempre se a ligação a um website está a ser efetuada através de "https" - modo seguro - e não "http" - modo não seguro e, adicionalmente, verificar se aparece um ícone representando um cadeado ou uma chave; ter em atenção que as entidades bancárias nunca pedem mais do que uma parcela (normalmente três) que constam do cartão matriz para que se possa realizar operações online.

Os casos de Phishing podem ser muito complexos, pelo que as vítimas necessitam de apoio individualizado e qualificado para as auxiliar a recuperar dos efeitos nefastos do crime. \*

**APOIAR 868 IDOSOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA POR ANO, SÓ CUSTA X.**

DOE 0,5% DO IMPOSTO LIQUIDADO À APAV, NO QUADRO 11 DO MODELO 3 DA SUA DECLARAÇÃO DE IRS.

**☒ NIF 502 547 952**



**APAV**  
Apóio à Vítima



# 'Casa da Maria' apoia vítimas



## Ambiente informal na Divisão da PSP

Vocacionado para atendimento a vítimas de violência doméstica e crimes violentos, equipamento é único do género na periferia de Lisboa. Equipa de seis efectivos da PSP, com formação específica e dedicação em exclusivo, dá resposta imediata e promove acompanhamento até se encontrar solução mais definitiva.

Apesar do telheiro rústico e das flores à porta e do mobiliário confortável no interior, esta é uma casa onde todos preferiam que ninguém entrasse. No entanto, desde o passado dia 3 de Abril que a denominada 'Casa da Maria' tem estado a funcionar como um primeiro passo, seguro, para que as vítimas de violência doméstica ou crimes violentos possam caminhar em direcção a "uma nova vida". O ritmo de ocorrências para ali canalizadas diz bem da necessidade deste novo equipamento social: "Quase dia sim, dia não", assegurou ao JR uma fonte da Divisão de Oeiras da PSP.

O aumento dos casos reportados de violência doméstica no concelho foi a motivação para a procura de uma "resposta diferente", que se concretizou através da conversão, para esse fim, de uma parte das instalações da sede da Divisão da PSP. "Oeiras não tem uma área com uma criminalidade violenta muito grave, temos alguns bairros problemáticos, mas são relativamente calmos, roubos também não há muitos... Todavia, a questão da violência doméstica preocupava-nos e tínhamos de pensar numa solução para melhorar atendimento a estas vítimas e tentar que, desde o início do processo aqui na esquadra até ao momento em que eventualmente haja uma condenação, se consiga proporcionar um acompanhamento eficaz e especializado", explicou a mesma fonte. Nas palavras do comandante metropolitano de Lisboa da PSP, Jorge Maurício, aquando da inauguração do novo equipamento, na passada terça-feira, trata-se de

"dar uma resposta muito mais profissional, próxima, carinhosa...". Porque, acrescentou, "muitas vezes, mais do que as respostas técnicas, que são importantes como é óbvio, as pessoas precisam de sentir que estão a ser ouvidas com uma atenção muito especial sobre os seus problemas". O projecto é apoiado pela autarquia de Oeiras, que se prepara, nesse âmbito, para assinar dois protocolos, um com a PSP e outro com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) – está previsto que esta última organização venha a ter, naquela mesma esquadra, gabinetes para dar suporte psicológico aos utentes da 'Casa da Maria'.

O presidente da Câmara, Paulo Vistas, destacou as parcerias que permitiram erguer o projecto, desde a participação da União de Freguesias local nos trabalhos de construção civil à "vasta experiência" da APAV na ajuda às vítimas, passando por uma empresa privada que colaborou na decoração das duas salas

que compõem a casa, pela empresa municipal Parques Tejo, que forneceu grande parte do mobiliário, dirigentes e técnicos municipais, a CPCJ de Oeiras ou os agentes da própria PSP que puseram mãos à obra quando necessário.

"Se fôssemos a actuar isoladamente para que isto acontecesse não aconteceria com a velocidade nem com a qualidade que hoje aqui podemos verificar", salientou o edil, classificando a ideia como "muito positiva porque aproxima a polícia do cidadão e reforça a qualidade do serviço prestado", dando "uma imagem muito mais humana da actividade policial".

Paulo Vistas realçou, ainda, a importância do projecto, sobretudo quando estiver plenamente implantado, para ir mais além da formalização da queixa. "É preciso dar sequência em termos de respostas sociais para que a vítima sinta que há alguém a olhar por ela, que a acompanha, que está disponível e com vontade de resolver o seu problema e, assim, poderemos, eventualmente, terminar esse ciclo, encontrar até uma nova vida para essa vítima, para essa família".

O presidente da APAV também se congratulou com o projecto. "Pareceu-nos que o modelo que aqui se apresentava era claramente uma hipótese de darmos um passo em frente no trabalho que já é feito quer pela APAV quer pela PSP", resumiu João Lázaro. O mesmo responsável destacou o papel da autarquia oeirense, não só na sustentabilidade do apoio prestado (assumindo os encargos com a manutenção da 'Casa da Maria'), mas também "na interacção com a comunidade, com a rede social", seja na intervenção pós-crime ou da prevenção e da educação. Este tipo de atendimentos continua a poder ser feito em qualquer esquadra, mas o objectivo é que o novo equipamento centralize todas as ocorrências neste domínio, pelo que a actual equipa de seis elementos, "com formação e sensibilidade especial para cuidar destas vítimas", poderá vir a ser aumentada.

"Por enquanto nós ainda não conseguimos abranger as 24 horas do dia e, por isso, estamos a testar o nosso modelo pouco a pouco, utilizando as situações que, infelizmente, vão ocorrendo, seleccionando os casos mais complicados, em que há vítimas especialmente debilitadas, para entrarem na 'Casa da Maria'", explicou a mesma fonte.

Jorge A. Ferreira



# Metade dos agressores de idosos são os filhos

**SOS PESSOA IDOSA** Em três anos de existência, que hoje se assinalam, o Serviço SOS Pessoa Idosa, da Fundação Bissaya e Barreto, contabilizou 416 pedidos de ajuda, que originaram 312 processos de acompanhamento, e o número de apelos tem registado um "aumento significativo" de ano para ano. As queixas mais frequentes, com 37% dos apelos, são relativas a violência psicológica. As vítimas são, na maior parte das vezes, mulheres e, em 52% dos casos, os agressores são os filhos.

O serviço (cujo telefone é o 800 990100) foi criado em 21 de maio de 2014, mas só em janeiro de 2015 começou a funcionar em pleno e, nesse ano, recebeu 146 pedidos de apoio, 62% via telefone e 38% via e-mail. No ano seguinte, os pedidos chegaram aos 173; e este ano já vão em 97, mais do dobro do que em igual período do ano passado.

"Comparando com o período homólogo, no ano passado tínhamos 40 apelos", disse ao JN a coordenadora Fátima Mota. Em 37% dos casos, as denúncias revelam

maus tratos psicológicos. Segue-se a negligência, com 34% das queixas, depois o abandono (31%), a violência física (23%); e ainda a violência financeira (21%). "Está a crescer, pois temos cada vez mais

**Linha de apoio criada há três anos tem recebido aumento significativo de apelos**

pessoas a decidiram sobre a vida dos seus idosos, sem ouvirem a sua opinião", alerta Fátima Mota, adiantando que "a solidão e o isolamento social têm um peso considerável em grande parte dos apelos".

A maioria das vítimas são mulheres e 51% destas são viúvas. Em média, têm 79 anos, 33% moram sozinhas, 22% residem com os maridos e 26% com os filhos. Os agressores são, em 62% das situações, homens com um média de idades que ronda os 50 anos. Os maus tratos são perpetrados, em 71% dos casos, no contexto das relações familiares.

A Fundação trabalha em parceria com todas as instituições locais que possam intervir. No caso de uma denúncia de maus tratos físicos, por exemplo, "a Fundação

Bissaya Barreto recorre à procuradora-geral distrital de Coimbra". Para este ano estão previstas ações de formação e sensibilização junto da PSP e GNR, o primeiro recurso das vítimas.

"O fenómeno da violência sobre o idoso é de grande complexidade e exige, muitas vezes, ações imediatas e articuladas para a procura de soluções", argumenta Fátima Mota, acrescentando que "é urgente mais trabalho em rede".

Neste sentido, depois de receber os pedidos de ajuda, o serviço sinaliza os casos sempre que necessário junto das entidades competentes - para a Associação de Apoio à Vítima (APAV), por exemplo, para a polícia, centros de saúde - fazendo depois o acompanhamento, em articulação com as outras entidades. L.P.W.



# **B ZOOM //** **CONTRA A** **CULTURA DA** **VIOLAÇÃO,** **MARCHAR**

Mais de 35 associações organizam, esta quinta-feira, manifestações em todo o país contra a “cultura da violação”. O *i* ouviu experiências de assédio e abuso sexual na primeira pessoa

TEXTOS *Ana Carvalho*  
FOTOGRAFIA *João Girão*



## B Zoom // Cultura da Violação

### Números e factos

# 124%

Crimes sexuais contra menores aumentaram 124% entre setembro de 2014 e 2016 no distrito de Lisboa

# 35%

Das mulheres em todo mundo sofreram de violência física ou sexual por parte de um não-parceiro pelo menos uma vez

# Assédio

Comportamento verbal, não verbal ou físico com o intuito ou o efeito de perturbar e afetar a dignidade

# 43%

Dos estudantes do secundário nos EUA relataram, em 2016, terem sido vítimas de assédio sexual durante o ano anterior

# Feminismo

Movimentos e filosofias com o objetivo divulgar a igualdade de géneros e empoderamento feminino

# Cultura da Violação. “Mexeu com uma, mexeu com todas”

Várias associações organizam amanhã protestos contra a cultura de violação. Imagens da Queima das Fitas reacenderam o debate mas também preocupação de quem lida com mulheres vítimas de abusos e de preconceito

ANA CARVALHO  
ana.carvalho@online.pt

“A primeira vez que me lembro de ser assediada por um adulto com a consciência de que algo estava errado foi aos 11 anos, a partir daí nunca mais parou. Na faculdade, um professor insinuou que eu passaria à disciplina se fosse durante a noite ao gabinete dele. Como não fui, adivinhem a nota que tive”, conta Francisca (nome fictício), de 31 anos. Nos últimos dias, o *i* conversou com mulheres nas ruas e nas redes sociais para tentar perceber que experiências de assédio guardam na memória. O mote foi a manifestação contra a cultura da violação que vai ter lugar amanhã em vários pontos do país. Na hora de explicar o que pretendem denunciar, os dinamizadores são unânimes: os abusos não são só físicos, mas também culturais.

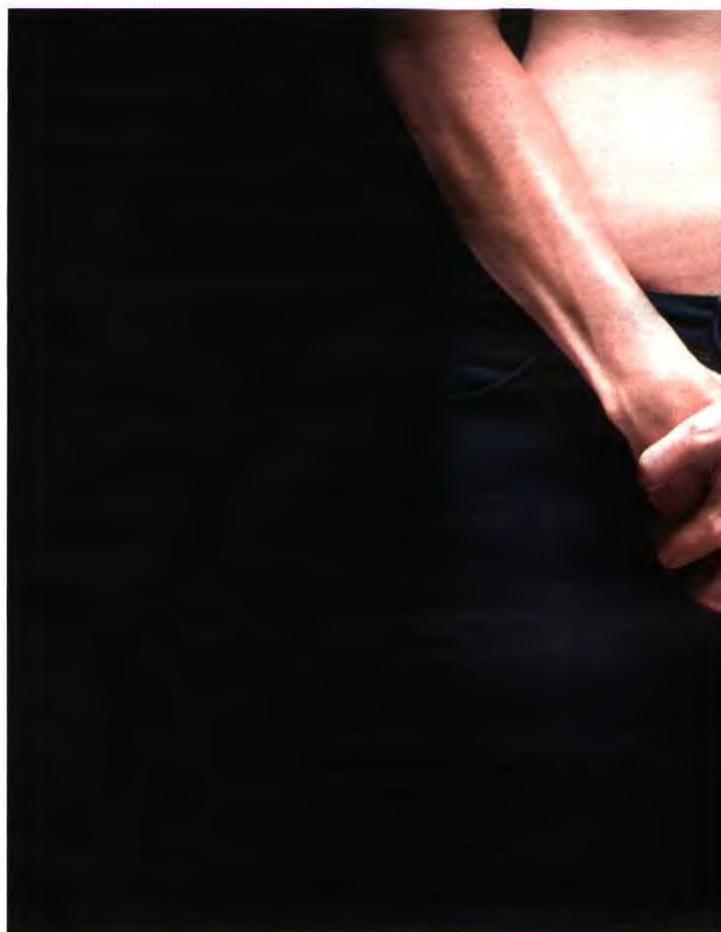
Francisca e outras doze mulheres deram o seu testemunho, sob anonimato, relatos na primeira pessoa que pode ler nas próximas páginas. “As situações são várias e constantes, não todos os anos, mas todas as semanas. Já me seguiram na rua, já me apalparam no metro, já se roçaram com o sexo de fora, já me insultaram por não estar interessada, mas sempre que falo disto com amigos homens, jovens ou adultos, tentam sempre garantir-me que estas coisas não acontecem cá. Por outro lado, falo com qualquer amiga e todas elas foram vítimas de assédio em crianças ou adolescentes. E só hoje falamos no assunto por que estamos cada vez mais

ativas e seguras de que é preciso fazer alguma coisa. Agora vejo-me a temer pelas minhas filhas, lembro-me de desejar com toda a força que nascessem homens. Como é possível tanto silêncio?”.

Pensa-se que a expressão “rape culture” (cultura da violação) tenha surgido nos anos 70 nos Estados Unidos da América e tendo sido dado a conhecer pelo movimento feminista. Já nos anos 80, a associação canadiana de proteção de vítimas de assédio sexual WAWAW (Mulheres Contra a Violência Contra Mulheres) definiu esta ameaça como “todo o conjunto de ações e normas sociais que levam à culpabilização da vítima e do assédio sexual normativo e consequente violência sexual masculina”.

Em Portugal, o assunto tornou-se incontornável nas últimas semanas, com o debate gerado em torno de imagens de cenas de sexo captadas nas Queimas das Fitas e divulgadas sem consentimento dos seus protagonistas.

A Rede 8 de Março é uma das associações envolvidas na organização das manifestações, que contam com o apoio de 35 associações unidas sob o lema “Mexeu com uma, mexeu com todas”. A “cultura da violação” que pretendem denunciar inclui não só o crime sexual consumado mas, também, toda “a sexualização e objetificação da mulher, assim como o assédio e a normalidade como tudo isto é visto pela nossa sociedade”, explica uma das organizadoras, Joana Amaral Grilo. Andrea Peniche, do Porto, é uma das dinamizadoras da rede ativista Parar o Machismo,



Construir a Igualdade e não tem dúvidas de que esta realidade condiciona, e muito, a vida das mulheres. “A nossa experiência diz-nos que, sempre que o tema é debatido, há muitas pessoas com histórias para contar, o que revela que a violência de género não é uma exceção no quotidiano das mulheres, mas uma vivência demasiado presente”.

Andrea Peniche sublinha que a cultura da violação “é aquela que aceita que os desejos de um homem se podem sobrepor ao “não” de uma mulher. É uma cul-

tura que concebe as mulheres como objetos sexuais e de consumo masculino e não como seres autodeterminados”. Uma cultura “que afirma que os homens não são capazes de controlar os seus impulsos e que, por isso, desculpa os comportamentos agressivos e pretende fazer passar por natural a violência”, continua. “Isto está muito enraizado na sociedade portuguesa. Repare-se que sempre que há relato de uma agressão, as primeiras questões que são colocadas são: o que trazia a mulher vestido? Que horas eram? Onde ocorreu a agressão? Ou seja, a vítima é responsabilizada pela agressão que sofreu. Transformar a vítima em culpada e procurar atenuantes para um comportamento que é crime é cultura da violação”.

**A manifestação contra a cultura da violação vai acontecer em várias cidades do país**

**COMBATER A NORMALIZAÇÃO** Joana Amaral Grilo, de 29 anos, explica que o movimento por detrás dos protestos surgiu sobretudo como reação ao facto de a sociedade portuguesa e comunicação social agirem “como se fosse normal”



70%

Segundo a ONU, 70% das mulheres em todo mundo já sofreram violência física ou sexual de um parceiro íntimo

81,9%

Maioria das vítimas de crime em Portugal registadas em 2016 pela Associação de Apoio à Vítima são mulheres

42,6%

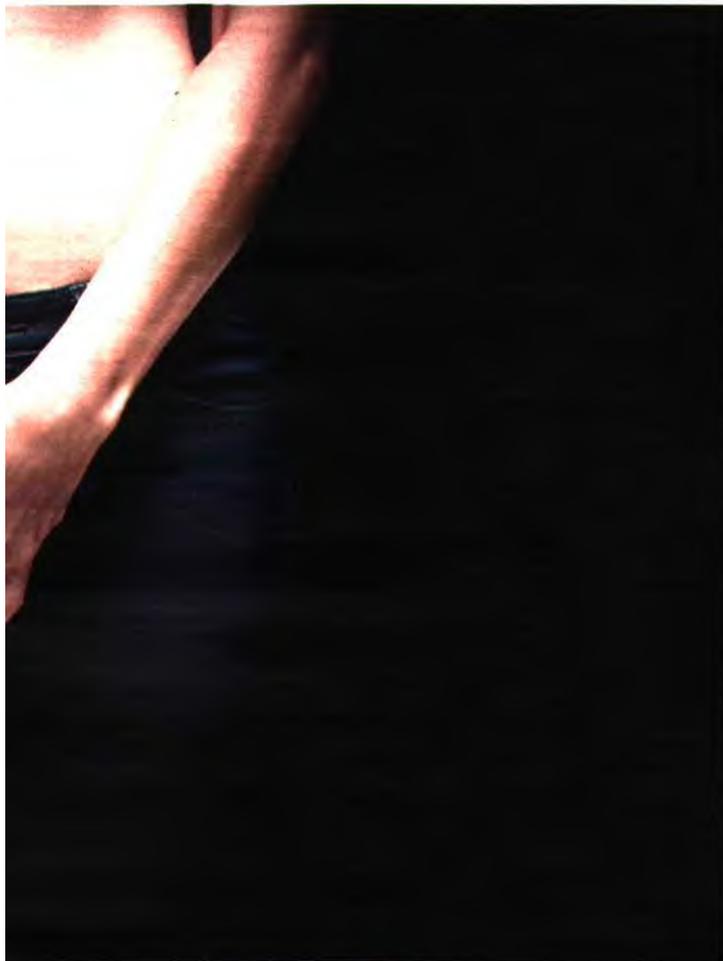
Quatro em cada dez vítimas de crime sexual registadas pela APAV eram crianças ou jovens e 46,5% estudantes

26,3%

Mais de um quarto dos crimes registados pela APAV em 2016 foram cometidos por cônjugues

329

Vítimas de crimes sexuais que procuraram a APAV em 2016.



O episódio da Queima das Fitas do Porto levou a que várias organizações ativistas pelos direitos da mulher se unissem de norte a sul do país

SHUTTERSTOCK

situações como a que se passou no autocarro da Queima das Fitas do Porto, em um rapaz masturbava uma rapariga e ambos foram filmados e aplaudidos por um grupo de jovens.

Joana considera "perturbador" que apenas se tenha reagido ao ato da partilha do vídeo e não ao que estava a ser filmado. "Não se critica o ato em si, não se abre o precedente que pode estar errado, e quando o fazem é a culpabilizar a vítima. Querem convencer-nos que só porque uma mulher se embebeda, este tipo de consequência será normal, sempre com o discurso em que a vítima é a culpada".

Ontem, no "Observador", a cronista e professora universitária Laurinda Alves usou esse argumento. "Estas raparigas andam na universidade, mas não sabem básicos essenciais sobre a Humanidade. Não só aceitam as regras do jogo, como estimulam a perversidade dos homens, entregando-se a estas supostas brincadeiras com leviandade.(...) Neste tempo, em que são filhos, entram no jogo e estabelecem os seus valores e preços, mas será que gostariam que a sua filha se prostituisse e fosse filmada enquanto se prostituía? E será que não se angustiarão com o facto de essas imagens ficarem para sempre na net?".

O texto não caiu bem a quem está a organizar o protesto. Beatriz, jovem ativista pela igualdade de direitos entre homens e mulheres no Porto, defende que são estas intervenções na comunicação social que tornam urgente o país acordar. "É inacreditável que um jornal

reproduza o mesmo tipo de discurso que conhecemos das caixas de comentários das redes sociais, sem filtros, um discurso tão conservador e insultuoso que é surreal que ainda exista em 2017. Já não basta estarem os adolescentes idiotas a fazer bullying à rapariga, ainda temos a imprensa a ajudar à festa".

Segundo maior estudo feito no país nos últimos tempos sobre esta problemática, a experiência das mulheres com o assédio sexual começa cedo e prolonga-se ao longo da vida. O projeto "Assédio Sexual e Moral no Local de Trabalho em Portugal", desenvolvido pelo Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, e da responsabilidade da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego apurou, em 2015 que 12,6% da população ativa portuguesa já experienciou, pelo menos uma vez, um episódio de assédio sexual no local de trabalho. Tendo em conta que o país tem cerca de cinco milhões de pessoas empregadas, isto pode significar que mais de 650 mil pessoas já passaram por uma situação de assédio, sendo que as mulheres são as principais vítimas.

A manifestação contra a cultura da violação acontecerá no Porto, às 18 horas, com ponto de encontro marcado para a Praça dos Leões. Em Lisboa, a concentração é também às 18 horas na Praça Luís de Camões. Em Braga, o protesto começará às 18h30, na Avenida Central, e em Coimbra às 21 horas no Largo Dom Dinis.





**B** Zoom // Cultura da violação

# Assédio e abusos. Com que idade foram assediadas a primeira vez?

## 1 ano de idade

**“NA RUA FAÇO CARA DE MÁ PARA EVITAR PIROPOS E OLHARES”**

Eu tinha alguns meses, mais ou menos um ano de idade. Ficava a dormir na casa da ama e o marido dela a meio da noite ia ao meu berço e mexia em mim, metia-me os dedos na vagina. Eu não entendia nada do mundo, lembro-me de tudo e só sei que era assim pequena porque anos depois contei à minha mãe e ela ficou impressionada por eu me lembrar de algo sendo tão bebé. A verdade é que, de alguma forma, apesar de tudo, eu já sentia aquilo como errado.

Depois disso aconteceram várias outras situações em outros sítios, com outros homens.

Nunca me senti uma vítima, nem fiquei com traumas (aparentes, pelo menos é o que eu acho). Mas estamos sempre alerta. Quando passo por um grupo de rapazes/homens na rua já ponho uma "cara de má" bem visível para ver se, com isso, evito 'piropos', olhares e afins. Normalmente não me visto mais fresquinha (com saias e decotes e saltos altos), gosto de passar despercebida na rua, acho que não só para evitar essas cenas mas também por causa de certos 'traumas' adquiridos em idade adulta em relações amorosas menos boas. No fundo creio que isto tudo mexe com a nossa estabilidade. De certo modo, acredito que estas

cenas que me aconteceram deixaram-me mais desconfiada e um pouco "fraca" no que diz respeito a homens/relações amorosas. Pelo menos, eu já me encaixei e adequei a homens que não devia, por ter receio de estar sozinha e 'ser presa fácil' a predadores.

## 6 anos

**“NÃO PODIA FALTAR AO RESPEITO A UM PROFESSOR, NÃO É?”**

O assédio já é antigo mas a situação que mais me marcou foi na primeira aula que tive de uma cadeira na faculdade no ano passado. Já me tinham avisado que o professor era mulherengo, mas no dia nem sequer me lembrei que ia ter aula com ele, até porque era a primeira semana de aulas e seria apresentação. Levei um decote, mas nada de especial – de vez em quando gosto de andar com blusas mais frescas. Foi para as últimas filas e apercebi-me de que estava a ser observada quando o professor vem para a frente da minha fila e não arredou pé. Grande parte da aula foi sempre a olhar para mim e para o meu decote, ainda que tentasse disfarçar. Senti-me envergonhada perante aquela situação repugnante e claro porque não fui a única a aperceber-me. Não me senti de todo culpada por ter ido decotada à aula, no entanto, nunca mais fui capaz de usar qualquer tipo de decote,

por mais pequeno que fosse, na aula dele. Uma aula de uma hora para mim foi como tivesse durado uma eternidade, ainda que os meus colegas tivessem achado graça à situação. Eu senti-me simplesmente um alvo e uma pessoa fácil como se estivesse a consentir algo que jamais consentiria. A verdade é que não tive coragem de dizer nada ou de simplesmente sair da sala porque afinal de contas eu não podia faltar ao respeito a um Professor do Ensino Superior, não é? Seria escandaloso e achariam exagerada a minha atitude, provavelmente ainda seria eu a culpada... mas que respeito teve ele por mim?

## 11 anos

**“DURANTE ALGUM TEMPO, CULPEI-ME POR TER VESTIDA UMA CAMISOLA DE UMA 'LOJA DE ADULTA'”**

Não gosto de pensar no meu pai como machista, mas sei que ele não tem consciência de 99% das coisas pelas quais nós, mulheres, passamos. Há uns meses, no inverno, estávamos a falar sobre a lei do piropo e outros assuntos relacionados, e ele revoltou-se comigo, enquanto homem, por eu defender que algo como uma lei que limitasse a "liberdade de expressão dos homens" no dia-a-dia. Fiquei estupefacta. Expliquei-lhe que não é elogioso nem agradável.

E lembro-me de pensar "não, isto não vai lá assim. Ele tem de perceber o que eu senti, o nojo que me invadiu quando me abordaram pela primeira vez. A mim, enquanto filha dele, quando ainda nem tinha idade para ser vista como mulher, para ser sexualizada". E contei-lhe tudo, com todos os pormenores que consegui. Tinha 11 anos quando se "meteram comigo" na rua pela primeira vez.

Tinha onze anos, estava morena, pelo fim de verão, e até me lembro que tinha vestida uma t-shirt comprada pela primeira vez numa secção de adultos. Estava a descer a nossa rua, e foi aí que comecei a ouvir um barulho estranho, "csss, csss". O rapaz estava numa carrinha branca das obras, não tinha mais de 20 anos.

Estava apoiado na janela a olhar para mim enquanto fazia o mesmo som sem parar. Congelei por dentro, senti um tipo de medo que nunca imaginei que existisse em mim, mas consegui virar a cara e continuar a andar como se não fosse nada comigo. Foi a rua toda, desde que sai do café até me esconder numa papelaria. Liguei à minha mãe e disse-lhe que não saía dali até ela me ir buscar. Sabes o que é que me custa mais? É que, durante algum tempo, me culpei por ter vestida uma camisola de uma "loja de adulta". Mas, nesse dia, serviu para chocar o meu pai. "11 anos? Como é que te fizeram isso com 11 anos? Que retorcido!". Expliquei-lhe então que não importava a idade, porque começa com 11 anos, mas nunca mais para.

## 10 anos

**“UM DIA UM HOMEM SEGUIU-ME ATÉ CASA, BAIXOU AS CALÇAS E COMEÇOU A MASTURBAR-SE”**

Tinha 10 anos. Comecei como muitas a desenvolver-me muito rápido. Estava numa festa de aniversário de uma amiga da escola. Pois bem: a coisa mais inocente no mundo, uma festa de meninas, para mim não foi nada disso. Lembro-me como se fosse hoje. Estávamos a brincar no quarto e entra um primo da aniversariante com os seus 18 anos. Com a confusão que estava naquele quarto, entre brincadeiras, eu estava no meu canto a brincar e ele chega ao pé de mim e começa a falar todo tipo de palavreado obsceno e começa a pôr a mão entre as minhas coxas. Em mim, uma criança de 10 anos. Por azar, as minhas amigas começaram a sair do quarto e eu, em pânico, não consegui sair e ele sempre a insistir. A partir daí comecei a tocar-me nas mamas, rabo. A "minha sorte" é alguém o chamou e entrou mais gente no quarto. Até hoje não me esqueço disto. Mas ainda hoje levo com assédio diariamente, apalpo nos transportes na rua, sussurro na rua, as famosas "dick pics" sem serem pedidas. Mas o episódio mais horrível foi seguirem-me até casa desde o metro, baixarem as calças e começarem a masturbar-se. Mais uma

vez "a minha sorte" foi fechar a porta a tempo. Isto vem sempre desde pequenas, era assediada pelos idiotas da minha escola cada vez que me baixava para pegar algo ou quando ia ao quadro, por isso é que já quase nem participava nas aulas.

## 6 anos

**“NÃO CONTEI NADA À MINHA AVÓ, TALVEZ POR MEDO”**

Eu tinha cerca de 6 anos e gostava muito de todo o ambiente da catequese, de missas, etc. Um dia, durante uma missa, estava na fila para receber a hóstia e um homem atrás de mim pôs as suas mãos à volta do meu pescoço, como que a massajá-lo. Na altura, não sabia o que era aquela proximidade de alguém que eu não conhecia, só sabia que estava errado. Também não soube como reagir, não contei nada à minha avó, talvez por medo. Não me lembro de o ter voltado a ver ou de ele ter voltado a fazer alguma coisa, felizmente.

## 11 anos

**“TOMARAM-ME POR UMA TRABALHADA DO SEXO”**

Estava no quinto ou sexto ano e nas aulas de inglês tínhamos uma atividade chamada "Easter bonnet parade" em que, em grupos tínhamos de criar um



## O i quis ouvir as memórias daqueles que foram os primeiros momentos de constrangimento feminino ao contactarem com algo que faz parte da cultura da violação: o assédio sexual. Começa mais cedo que muitos imaginam e deixa marcas para toda a vida

ANA CARVALHO

ana.carvalho@online.pt

chapéu dentro da temática que o professor dava.

O meu grupo criou um e, para combinar com o chapéu, para o desfile, levei um outfit todo verde: meia calça, camisola e saia curta. Depois do desfile, fui para casa de uma amiga e, no final da tarde, a minha mãe passou por lá para me levar para casa. Enquanto esperava por ela, um carro aproximou-se, parou, olhou-me de alto a baixo e só quando me viu o rosto e se apercebeu de que era uma miúda, é que arrancou e seguiu viagem. Conseguí perceber, na altura, que me tomaram por uma trabalhadora do sexo. Depois, assim mesmo grave, foi uma vez um rapaz que me abordou para dançar comigo e eu disse que não estava interessada. Ele insistiu e eu repeti que não estava interessada. Então vira-se para mim e, de forma agressiva, diz: "és uma puta e, de qualquer maneira, também ninguém te quer". Tive também uma situação em que estava a voltar para casa depois da faculdade. Eram mais ou menos 21h. Vi um homem ao dobrar da esquina, mas não tinha percebido o que estava a fazer. À medida que me aproximei, percebi que ele estava a urinar. desviei o olhar e passei para o outro lado da rua.

Então ele começou a seguir-me com o pénis nas mãos e disse "oh menina, chupa aqui à velinha". Também já se viraram para mim na rua e disseram "lambia-te a rata!"

### 12 anos

#### "LEMBRO-ME DE ELE ME AGARRAR OS BRAÇOS"

Infelizmente eu comecei a sair muito cedo, tinha

talvez 12 anos quando fui pela primeira vez a discoteca. Tinha irmãos mais velhos e fazia chantagem para eles me levarem.

Aos 15, estava numa festa já sozinha e o DJ era "de fora", como dizemos sobre quem vem do continente para os Açores.

Ele tinha por volta dos 30 anos. Sei que bebi imenso, ele dirigiu-se a mim com um olhar penetrante e falei com ele como se o conhecesse há anos. Não me lembro de ter chegado a casa com ele. Deu-me o clique quando chegamos à cama. Tinha outros amigos dele na casa, que fizeram de tudo para que eu bebesse até cair e nem me lembro da cara deles.

Lembro-me de ele me agarrar os braços e fazer a cara mais nojenta de prazer que alguma vez vi. Doeu imenso, sangrei imenso. Era uma miúda de 40 quilos e ele um homem todo musculado. No dia seguinte, liguei a uma amiga minha para me ir buscar, expliquei-lhe mais ou menos onde era a casa, e aqui felizmente tudo é fácil de encontrar.

A primeira pessoa que vi ao chegar a casa foi a minha mãe e até hoje ainda não sei como não chorei à frente dela.

Controlei-me, mostrei apenas estar ressecada, fui lavar-me e dormir.

Acordei com mensagens dele, a obrigar-me a calar a boca e a tomar a pilula do dia seguinte. Como é que uma miúda de 15 anos ia comprar a pilula, num sitio minúsculo, onde toda a gente ia comentar?! Pedi a uma professora minha, com quem tinha muita confiança. Fiquei mal disposta e enojada comigo mesma. Mas não sei porquê, em vez de me proteger mais, tornei-me numa pessoa fria. Pensei em vingar-me no

máximo de gajos possíveis, durante dois anos tive relações sexuais com mais homens do que a minha própria idade e obriguei-os a calar a boca. Hoje isso atormenta-me, já fui confrontada com a pergunta "com quantos gajos estiveste?" e não sei a resposta. Sei que são muitos, metade não me lembro do nome.

Senti-me nojenta, mas hoje sou uma mulher que aprendeu com isso.

Demorei, mas não me entregou facilmente. Se estou com alguém, nem deixo que me masturbem, que me deem demasiado prazer, porque aí volto a sentir-me suja. Demorei um ano a fazer sexo oral ao meu ex-namorado (estivemos juntos dois anos e pouco), porque sentia-me mesmo mal – a mania que os gajos têm de pôr a mão na nossa cabeça e "pressionar", no fundo tinha um quê de obrigação. Hoje, não tenho prazer em "one night stands", não tenho prazer em ter prazer, não me entrego.

Valorizo-me muito e aos outros também.

### 13 anos

#### "FUI À COZINHA E SENTI QUE ALGUÉM ME SEGUIA"

O meu primeiro caso de assédio não foi chocante mas foi a primeira vez que senti o sentimento de me enjoar com o pensamento de alguém sobre mim. Tinha acabado de fazer a minha primeira transformação no cabelo – eu que tenho caracóis

pôr o cabelo liso foi um auge na minha confiança feminina. Vinha do cabeleireiro vaidosa e encantada comigo mesma e vinha sozinha.

Fui abordada por uns homens velhos que me disseram algumas coisas das quais não me lembro, mas nunca me irei esquecer do olhar devorador que eles me lançaram. Eu era uma menina e sentia-me uma menina. Foi a primeira vez que revi na minha cabeça todos os conselhos que a minha mãe me tinha dado – com medo, tudo aquilo fazia sentido. Foi aí que senti que era frágil e que algo nojento me poderia fazer pior do que aquela abordagem que experienciei.

Aos 18 anos, estava de férias em Marrocos. Tínhamos acabado de chegar a uma vila e o dono do sítio quis fazer-nos uma visita guiada às redondezas.

Conhecemos todos os vizinhos e algumas pessoas amigas.

Aceitámos ir jantar a casa dele, não sabíamos que ia tanta gente.

Como é tradição, as mulheres estão sempre longe dos lazeres dos homens, muito menos podem partilhar conversas com os convidados. O que me fez ser a única mulher no meio de muitos homens.

A meio da noite, já mais à vontade, fui à cozinha buscar água e senti que alguém me seguia. Era um dos grandes amigos do dono da casa. Senti a mão dele a agarrar-me o braço com alguma força e, nesse momento, em espanhol rebuscado, pede-me para só beijar. Tentei manter a calma e, tão rápido disse "não" como me virei para voltar para junto dos meus amigos. Dessa vez ele agarra-me com força e diz-me para "não fazer barulho" que ele "só queria um beijo meu".

Por estar encurralada acho que ganhei uma força estranha para me largar das mãos que me agarravam e disse que, se ele não me deixasse em paz, eu iria gritar. Deixou-me em paz, e deixou-me ir. Guardei esse segredo de todos até chegar a Portugal. Penso que foi o melhor que fiz porque os meus amigos, sabendo o resultado, iria ser desastroso e as condições de tragédia eram óbvias. Isto faz parte da minha história, não posso remover de mim, mas acionei um sentimento de alerta para muitas situações possíveis. Porque isto marca, desfaz qualquer pessoa para sempre.

### 7 anos

#### "UM AMIGO DO MEU PAI ENCOSTOU-ME CONTRA A PAREDE"

Aos sete, junto aos carrinhos de choquete, um senhor que frequentava o café do meu avô assediou-me. Passou a mão devagar pelo meio do meu rabo. Eu era pequena e, apesar de não saber na teoria qual a maldade de tal gesto, senti-me desconfortável. Disse ao meu pai que não gostava daquele senhor porque ele me fez "assim" e demonstrei. O meu pai nunca me disse nada, mas nunca mais vi o homem. Agora não me lembro quem foi (já deve ser velhinho) mas a situação marcou-me.

Mais tarde, um amigo do meu pai, quando eu tinha 12 anos, numa festa de copos lá em casa, encostou-me à parede quando se cruzou comigo no corredor e pressionou-

me contra a parede enquanto respirava no meu pescoço. Lembro-me do cheiro a álcool que vinha do hálito dele.

Durante alguns anos, o hálito a álcool lembrava-me esse episódio. Não me traumatizou, mas fez-me olhar para os homens adultos de outra forma menos pura, vá. Era amigo de família. Nunca falei aos meus pais, ele nunca mais o fez, o assunto morreu ali. Muitos outros exemplos tenho, mas estes foram graves porque eu era criança. Em adulta, no trabalho, pediram-me para ir ao tribunal pedir cópia de um documento que era importante para nós. O meu patrão disse-me: se não te importares põe uma saia ou um vestidinho mais justo e fazes olhinhos ao oficial de justiça. Resultou. O mal esteve em pedir, eu sei. Mas se não fosse toda "dengosa" iam ignorar o meu pedido e assim funcionou.

### 11 anos

#### "PENSAVA QUE IA PEDIR INFORMAÇÕES"

Vinha a descer a rua depois de ir buscar os livros escolares novos à papelaria. Um carro parou ao pé de mim e o homem chamou-me. Quando me aproximei, por pensar que queria informações, apercebi-me que estava, afinal a masturbar-se.

Tocou-me na mão e perguntou, com algum sotaque, "queres ganhar cinco euros?" Quando me mostrei assustada, arrancou a alta velocidade. Fiquei praticamente sem reação, sem saber se devia contar a alguém, e passei o tempo todo a lavar a mão, que parecia ter sempre o peso da dele.

Um vídeo foi filmado num autocarro da Queima do Porto e partilhado num grupo secreto do Facebook, onde 45 mil homens trocam fotos, vídeos e conversas de teor sexual sobre mulheres que podem até ser mães dos seus filhos e que nada sabem

# 'CLUBES' VIRTUAIS CAÇAM E HUMILHAM MULHERES

**Hoje preciso um vídeo filmado num autocarro que transportava estudantes depois de uma noite na Queima das Fitas do Porto - e que mostra um rapaz com a mão dentro das calças de uma rapariga perante a aparente passividade dela e uma plateia em brasa** - para que pais, professores e especialistas em segurança na internet descobrissem que há grupos fechados nas redes sociais onde estes conteúdos são partilhados, sem o consentimento de todos os envolvidos. Sem que estes - ou melhor, estas - sequer imaginem que há uma assistência anónima mas sedenta de ação alheia a espreitar pelo ecrã como se fosse uma qualquer série cujo último episódio não se pode perder.

Quatro dias depois do grupo Ima-soldier - 'sou um soldado' - ter sido banido da rede social Facebook, um novo grupo já tinha sido criado pelos administradores do antigo e em fila de espera já estavam milhares de homens portugueses. Entre o fim do

grupo e o início do seu sucessor muitos foram os que se queixaram da sua ausência. "Fico à espera de nova incorporação", "Dispersaram o quartel mas a tropa continua cá", "se querem guerra nós somos como a fénix, renascemos das cinzas" e "como posso voltar a ser recrutado?" são algumas das coisas que se escreveram, citando as (muito) poucas que podem ser aqui escritas no meio de palavreado impróprio e muitas mensagens de ódio contra o sexo feminino.

A 'recruta' para este exército que se vangloria de publicar vídeos e fotografias de sexo sem que as mulheres envolvidas saibam ou sequer imaginem que estão a ser exibidas na internet - e muitas vezes pelos seus próprios companheiros - está a deixar de fora todos os perfis que não garantam a privacidade que os seus administradores pretendem. A 'Domingo' conseguiu perceber entre os seus membros homens com os mais variadas ocupações. Há moto-

## TEMA DE CAPA



## São inimigas e munições, não são mulheres”

MÃE DE ADOLESCENTE

ristas, jardineiros, empresários, estudantes universitários, informáticos. Muitos destes 'soldados' exibem fotografias de perfil junto das namoradas/mulheres e outros tantos com os filhos pequenos ao colo, aparentemente sem qualquer vergonha de pertencer a um grupo cujo problema não é ser interdito a mulheres, é tratar as mulheres como trata. “A palavra que me ocorre depois de ter entrado na página é nojo. Sobretudo pelo conteúdo. Mas também pelas interações estabelecidas: os membros tratavam-se uns aos outros como se estivessem na tropa”, partilha a mãe de uma adolescente que conseguiu entrar incógnita no grupo e ficou chocada com o que por lá encontrou.

“São partilhados vídeos e fotografias de sexo mas também há exposição de troca de mensagens entre membros e mulheres sempre de teor sexual e nas quais a identidade da mulher não é ocultada. E, ocasionalmente, alguém pergunta onde há ‘inimigo’ em Coimbra e os outros membros colocam o nome de amigas que consideram ‘boas’. Acho que a determinada altura opera-se ali um efeito seita em que, de facto, não há mulheres. Há inimigas e munições. Mulheres são as filhas e as mães deles. Ponto”, acrescenta a mesma fonte, formada em psicologia e, por isso, também interessada no fenómeno.

A certa altura, perceberam que havia uma mulher no grupo. “Antes de me eliminarem ainda levei com um ‘isso é falta de p\*\*\*\*’ e ‘cinco ao mesmo tempo chegam-te?’”. Nestes grupos “quanto maior a barbaridade publicada, maior a possibilidade de subir a patente”, explica ainda. Rui Cruz, administrador da empresa Hackers Portugal e fundador

do Tugaleaks também chegou a entrar no grupo. “Vi vídeos que podiam ser de menores, mas como era streaming não é tecnicamente ilegal. O ilegal seria o alojamento no Facebook, não a visualização”, explica. Sobre o facto de ser um grupo fechado explica que nestes nem os hackers – a menos que adicionados – conseguem entrar. “Estes grupos podem ser criados em modo secreto e só se entra por convite. Um hacker segue as regras do Facebook. Se não sabe do grupo, não é pesquisável, por isso não dá. A verdade é que existem grupos desses para memes, para gozar com isto ou aquilo, o ‘imasoldier’ não é propriamente novidade. Pode ser novidade no tema, não na construção do grupo”.

### Revenge Porn

“Não tinha conhecimento do grupo em questão, já tinha ouvido falar de grupos de mulheres onde não entram homens, não tinha ouvido falar de grupos de homens onde não entram mulheres. Sempre houve grupos, é da natureza humana e este é o lado mau do lado bom que a internet tem, que é permitir juntar pessoas com interesses comuns. Este grupo mostra a natureza das pessoas que o frequentam e é assustador. Eu quando soube, informei o Facebook e, entretanto, soube que o grupo tinha desaparecido”, esclarece Tito de Moraes, fundador de MíudosSegurosNa.Net.

Frederico Moyano Marques, assessor técnico da direção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) conta que à associação em causa não chegaram ainda pedidos de ajuda relacionados com a partilha de conteúdos sexuais neste tipo de grupos. “Nestes casos, a ideia é na-



## Vi vídeos que podiam ser de menores

RUI CRUZ, HACKER



quela lógica da masculinidade, olha o que eu faço, com piadas machistas e os casos que recebemos estão mais relacionados com vingança. Até porque nestes casos de partilha em grupos fechados pode ser muito complicado para a própria vítima saber que isso está a ser partilhado e, portanto, mais difícil ir às autoridades denunciar estas situações”, considera o assessor técnico da APAV. “O que temos tido muitas vezes associados a situações de violência doméstica são casos em que o

agressor não se conformando com o fim da relação procura várias formas de se vingar da vítima e o que temos vindo a verificar mais frequentemente é precisamente a divulgação de vídeos e fotos de natureza íntima e sexual, mas o que faz é enviar os conteúdos para amigos, familiares e outras pessoas próximas” – a chamada ‘revenge porn’ (vingança porno) – o que se distancia do que acontece nestes grupos fechados em que o objetivo é que as mulheres nunca saibam que estão expostas



**Quatro dias depois da rede social Facebook ter eliminado o grupo 'Imasoldier' - depois de muitas denúncias - os administradores criaram um novo e pediram aos antigos membros para pedirem amizade num determinado perfil para depois serem adicionados ao novo grupo. Têm também no Facebook um grupo de merchandising onde vendem porta-chaves e roupa alusiva ao grupo que chegou a ter 45 mil membros e onde os conteúdos são todos de cariz sexual. As mulheres filmadas e fotografadas não sabem que estão a ser 'partilhadas' com milhares de homens**



daquela forma - daí serem secretos. Páginas houve - mas abertas a todos os utilizadores das redes sociais, o que as diferencia dos grupos atuais - que foram eliminadas no último ano, depois de terem sido divulgados vídeos de jovens casais a ter relações sexuais na casa de banho de uma discoteca lisboeta. Os vídeos em causa, filmados na discoteca Main, em Lisboa, mostravam dois casais em pleno ato sexual e várias pessoas a assistir e a gravar o momento. Num dos vídeos, ne-



**A palavra que me ocorre depois de ter entrado nesta página [imasoldier] é nojo**

MÃE DE ADOLESCENTE



## TEMA DE CAPA



## Senti uma grande tristeza, uma raiva

BEATRIZ, VÍTIMA

nhum dos jovens se apercebe de que está a ser gravado mas no outro, a rapariga interrompe a gravação quando dá por ela. Estes vídeos foram partilhados em massa em páginas do Facebook. Uma delas mantém-se ainda ativa – é uma sucessora de outra entretanto eliminada – embora com menos atividade do que no passado. ‘Comi-te no Urban Beach’ mostra fotografias e vídeos de casais ‘apanhados’ em momentos íntimos nesta discoteca com comentários como “a fome é demais”, “tira-lhe o soutien”.

O Facebook não é a única plataforma onde estes conteúdos são partilhados. O WhatsApp, uma aplicação que permite conversar e trocar fotos e vídeos, tem os seus próprios grupos onde o sexo é o rei. Foi num destes grupos que o namorado de Beatriz, nome fictício, de 15 anos, partilhou uma ‘nude selfie’ (selfie nua) que ela lhe enviara e que rapidamente se espalhou pela internet. “Senti uma grande tristeza, uma raiva. Pensei que não posso contar com ninguém. Só me apetecia matá-lo, fazer-lhe mal. Já viste a humilhação? Se os meus pais descobrem fico de castigo o resto da vida. A minha vida acabou. Como vou aparecer na escola, e os meus amigos...que vergonha! Como me pode fazer uma cena destas? Só me apetece desaparecer, tenho vontade de chorar. Traiu a minha confiança, como confiei nele? Que burro!”, contou Beatriz à ‘Domingo’ sobre o que sentiu quando descobriu.

“Na escola e no nosso grupo de amigos do Whatsapp, toda a gente me virou as costas, até as minhas melhores amigas criticaram. Como não consegui contar aos meus pais, menti-lhes disse que tinha sido uma foto tirada no balneário da escola. Eles concordaram em que mudasse de escola. Com a ajuda da psicóloga Bárbara, eles conseguiram perceber que isto seria o melhor. E decidimos em conjunto que eu ia chumbar por faltas. Não consigo entrar na escola, e ver aquela gente. Chamavam-me porca, oferecida, vai-com-todos, nojenta, tentavam apalpar-me, perguntavam ‘quanto me levavas’... fiquei sem chão, que vergonha, como me pode fazer isto, confiava mesmo nele, achei que gostava mesmo de mim, afinal fui só mais uma”, acrescenta a adolescente, ainda a recuperar do que aconteceu. A psicóloga a quem pediu apoio, a especialista em

## Sexo, drogas e álcool



Bebida favorece descontrolo

## 29% ACHAM QUE ÁLCOOL PODE JUSTIFICAR SEXO

O abuso de álcool e drogas – aliado à tecnologia à mão – também leva a que estas situações aconteçam. E, por bizarro que possa parecer, 29% por cento dos portugueses – segundo o Eurobarómetro da Comissão Europeia – vendo uma pessoa a cambaleiar durante a noite, alterada devido ao consumo de álcool ou de drogas – considerariam justificável forçá-la a ter sexo.



## No autocarro da Queima eram jovens adultos, o que é uma agravante, pois já deveriam ter passado essa fase

LUÍS FERNANDES, PSICÓLOGO

adolescentes Bárbara Ramos Dias, explica que estes jovens que são expostos na internet passam por momentos muito difíceis: “crises de ansiedade ou depressão, comportamentos de automutilação, dificuldades em dormir... Muitas vezes chegam à consulta porque os pais os acham tristes e sem objetivos e depois quando ganhamos a confiança deles é que nos contam qual o verdadeiro motivo... e muitas vezes é este”, conta a psicóloga, que atende muitos destes jovens através do Skype e esclarece as suas dúvidas em mensagens de WhatsApp.

E a verdade é que um em cada quatro jovens acha normal partilhar fotos íntimas ou insultar nas redes sociais, de acordo com um estudo da UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta apresentado publicamente em fevereiro.

## Telemóvel é uma arma

“Esta questão do virtual tem consequências muito reais. Os jovens de hoje são nativos digitais, nós [os adultos] somos imigrantes digitais, é uma área em que não estamos tão à vontade. Seja o sexting, seja a extorsão, seja a partilha de imagens e vídeos em grupos... E quando alguma coisa não corre bem, e é fácil na adolescência alguma coisa não correr bem porque é tudo vivido de uma forma muito intensa, é muito o nunca e o sempre, é tudo muito levado ao extremo e os adolescentes acham que a vida deles acabou”, contextualiza o psicólogo Luís Fernandes, habituado a fazer intervenção nas escolas neste domínio.

“A transição do bullying para o cyberbullying é tremenda, porque o cyberbullying faz horas extraordinárias, não tira férias e pode ser a qualquer hora, o telemóvel é a arma



O vídeo do autocarro da Queima do Porto foi



que eles têm e essa arma está sempre presente. E quem assiste a estas gravações sem nada fazer, fá-lo por causa do efeito de manada. Eles nem estão a pensar. É a questão da impulsividade que as novas tecnologias trazem, estamos numa sociedade muito imediata. Mesmo no bullying, a questão que, às vezes, sugerimos de mudar de escola, nestes casos não dá porque isto vai atrás. A pegada digital nunca termina. Como é vivido tudo tão intensamente, quer seja bom quer seja mau, também é visto por eles desta forma: 'a minha vida terminou, não vale a pena porque toda a gente me vai gozar sempre e me vai apontar o dedo para onde quer que eu vá'. É complicado para estes miúdos sozinhos carregarem este peso, têm de ter acompanhamento", continua o psicólogo Luís Fernandes.

Beatriz ainda é acompanhada. Mudou de escola, de número de telemóvel e apagou todas as suas contas em redes sociais. Quis começar de novo sem o peso de uma fotografia enviada num momento de euforia que viria a chegar aos telemóveis e computadores de toda a escola.



## A prova digital nem sempre é fácil de fazer

FREDERICO MORAIS, APAV

Mas Beatriz é uma adolescente. "No autocarro da Queima eram jovens adultos, universitários, o que à partida é uma agravante no sentido em que já deveriam ter passado essa fase. E apesar de podermos considerar imaturidade e o tal efeito manada, todas estas questões não podem ser explicativas daquilo que se passa. Também tem muito a ver com as competências pessoais e sociais de cada um", acredita o psicólogo Luís Fernandes. "Cada vez se vê mais vídeos de pessoas que são



## Quem assiste, fá-lo por causa do efeito manada

LUÍS FERNANDES, PSICÓLOGO

filmadas a manter sexo na rua de uma forma aberta. E se acho que o facto de a tecnologia ser cada vez mais fácil de transportar, e depois a facilidade de disseminação que faz com que chegue a mais pessoas, tem ajudado a este fenómeno, também não podemos descartar alterações comportamentais da sociedade. Tanto que no Reino Unido já foi criada uma linha específica para apoiar estas vítimas, que de repente se veem expostas na internet", acrescenta Tito de Morais.

Vinte e quatro horas depois de ser tornado público o vídeo dos estudantes do Porto surgiu um caso que foi entregue à Polícia Judiciária. Uma estudante da Universidade do Minho queixou-se da publicação nas redes sociais – e sem o seu consentimento – de um vídeo em que aparece nua da cintura para cima a ser regada com álcool durante o Enterro da Gata, em Braga. As autoridades alegou que não sabia que estava a ser filmada e que não autorizou que o vídeo fosse divulgado pelo que os seus autores incorrem num crime de gravações e partilha ilícita. A jovem que foi filmada no autocarro do Porto não apresentou até à data qualquer queixa.

"A prevenção é fundamental porque depois de acontecer o crime, a investigação tem dificuldades: a prova digital nem sempre é fácil de fazer. E o facto de a maior parte das vítimas não denunciarem este tipo de situações não se prende com o facto de o crime ter menos impacto para a vítima. Tem a ver com a vergonha, culpa e com uma vontade muito grande de ver as coisas todas para trás das costas", diz Frederico Marques da APAV. Mas não é por se (tentar) fingir não ver que as coisas deixam de magoar. E de existir.



ID: 69765648

31-05-2017

# Primeiro Plano



## Violência sobre os mais velhos

### Fafe Morta durante assalto em casa

Uma mulher, de 91 anos, morreu, este fim de semana, durante um assalto à sua residência, no centro de Fafe. Ao que tudo indica, os ladrões agrediram a idosa e vasculharam a casa toda durante a madrugada de sexta-feira para sábado. Roubaram pelo menos um televisor e deixaram a dona da casa morta no quarto da habitação. Maria Gracinda foi encontrada no domingo à tarde, por um sobrinho, que foi chamado depois de as vizinhas terem estranhado a sua ausência. A Polícia Judiciária investiga.



**Violência** Recomendações com dez medidas sobre segurança são entregues nas próximas semanas ao Governo. Sucedem-se casos nos últimos dias

# 20 idosos agredidos todas as semanas

Alexandre Panda  
alexandre.panda@jn.pt

► Só no ano passado, mais de mil idosos foram violentamente agredidos, quer durante roubos, quer em contexto de violência doméstica. A média, de 20 agressões semanais e que tem vindo a aumentar ao longo dos anos, já levou sucessivos governos a tentar reforçar a legislação sobre a proteção de idosos. Nas próximas semanas, o Executivo vai receber as recomendações sobre Estratégia nacional para o envelhecimento ativo e saudável, com uma dezena de medidas a adotar para travar a violência contra idosos.

Nos últimos dias, vários idosos foram agredidos com violência, ao que tudo indica, em contextos de roubo. Duas das vítimas acabaram por morrer, como aconteceu, antontem à noite, com uma mulher de Estarreja (ler texto ao lado), num cenário de extrema violência: o seu corpo foi escondido numa arca frigorífica. Estas mortes vêm engrossar as estatísticas da violência contra idosos, muitas vezes a viver sozinhos e indefesos.

De acordo com os números da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), relativos ao ano passado, pelo menos três idosos

são vítimas de violência todos os dias. A esmagadora maioria (77,2%) são mulheres que têm uma idade média de 75 anos e meio.

"Precisamos de planos de ação para combater os fenómenos. Isso faz falta claramente. No caso específico de pessoas idosas, diria que muito ou quase tudo ainda está por fazer, quer em termos de prevenção, quer de promoção dos direitos e proteção e também ter políticas para prevenir a violência", adiantou ao JN João Lázaro, presidente da APAV, para quem "muitas das vezes os autores dessa violência são do círculo mais próximo das vítimas".

#### Políticas de prevenção

Na tentativa de travar esta violência, João Lázaro vê na redefinição das políticas de proximidade uma solução. "No que diz respeito a situações de roubo e de furto, tudo tem a ver com o isolamento das populações. Com as políticas de proximidade não meramente policiais. Não é o facto apenas da GNR passar nos locais. É claramente uma boa ação da GNR, mas temos de ter de uma forma integrada de políticas de proximidade. Essas vítimas são potenciais alvos ou para larápios mais pontuais ou então para organizações criminosas mais organizadas", refere.



Maioria dos idosos agredidos são vítimas de roubos. Mulheres lideram a estatística dos casos mais graves

## Portugal na lista negra da Europa

● Um estudo sobre o impacto da violência na qualidade de vida das pessoas idosas revelou que Portugal ocupa o lugar de destaque no relato de episódios de violência severa, a nível físico e financeiro. A investigação do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto e da Mid Sweden University incidiu sobre mais de quatro mil indivíduos, com idades entre 60 e os 84 anos, de sete países europeus (Alemanha, Grécia, Itália, Lituânia, Espanha, Suécia e Portugal). De acordo com Joaquim Soares, um dos investigadores, "diversos estudos mostram que a qualidade de vida é influenciada pela exposição à violência, mas são poucos os que analisaram o seu impacto nos idosos". Os resultados mostram que quase metade (45,5%) dos participantes refere ter tido pelo menos uma experiência de violência durante a vida adulta. A agressão psicológica é a mais comum (34,5%), seguida da violência financeira (18,5), física (11,5%) e sexual (5%).

Foi nesse sentido que, em 2015, o então Governo de Pedro Passos Coelho aprovou uma resolução prevendo a repressão de todas as formas de violência, abuso, exploração ou discriminação e a criminalização do abandono de idosos. No entanto, o plano ficou em "banho-maria" com o atual Governo, que quis tornar o projeto mais abrangente, envolvendo as áreas da saúde e da segurança social.

Foi criado um grupo de trabalho sobre Estratégia nacional para o envelhecimento ativo e saudável, que, sabe o JN, prevê uma dezena de medidas para combater a violência contra idosos. ●

## A tour europeia de Elza Soares tem passagem por Portugal



A artista brasileira Elza Soares, que ganhou um Grammy Latino e é considerada pela BBC como a voz brasileira do século, vai passar com a sua tour europeia por Portugal.

A cantora do milénio regressa a Portugal no dia 03 de Junho para um concerto no Coliseu dos Recreios, palco que esgotou no passado mês de Novembro. Já no dia 10 sobe ao Porto para actuar no NOS Primavera Sound, dia 14 vai estar no Teatro das Figuras em Faro e no dia 17, do mesmo mês, despede-se do nosso país na Madeira, no Festival Raízes do Atlântico. Na bagagem, Elza Soares traz o vencedor do Grammy Latino para Melhor Álbum de Música Popular Brasileira, “A Mulher do Fim do Mundo”, um disco apocalíptico, de samba sujo experimental, onde aborda temas como o racismo, a violência doméstica, transsexualidade e drogas.

A música “Maria da Vila Matilde” é um hino contra a violência doméstica no Brasil mas a sua repercussão estendeu-se a todo o Mundo. Em Portugal, a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima associou-se a Elza Soares lembrando que é fundamental promover a sensibilização da sociedade contra todas as formas de violência.

Todas as composições presentes neste disco, e que poderão ser ouvidas nestes concertos, são da autoria da artista de 80 anos que tem vindo a conquistar o Mundo.